

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: 29

Data: 14/09/80

Pg.: 10

Ourém: plano interrompido, e apenas espera

O Delegado Regional da Funai, Paulo César Abreu, não compareceu ontem a uma entrevista coletiva que havia marcado com jornalistas de Belém e do Rio de Janeiro que estavam interessados em saber, entre outras coisas, de que maneira ou até mesmo quando vai começar a transferência dos colonos que ainda estão assentados dentro da Reserva Indígena dos Tembés.

Em entrevista anterior, Paulo César Abreu havia declarado que "até Dezembro as famílias estariam assentadas em outras áreas" e que os fazendeiros teriam seus processos encaminhados à Justiça Federal.

Na sexta-feira, os colonos ainda estavam aturridos com a medida tomada por Paulo César Abreu declarou ter destruído a ponte para evitar novas mortes. Aos Tembés teria dito: "isto serviu para evitar atitudes inconsequentes de vocês, e as represálias dos invasores, ou, invertendo, e represálias dos índios". Esta atitude seguramente agradou os Tembés, que dias antes, numa expedição de nove homens, haviam começado o serviço. No entanto, a população do Pau do Remo, debelou o incêndio que ameaçava os mourões das cabeceiras da ponte.

O Delegado da Funai, sabendo da notícia, que também dava conta da prisão destes nove índios em Capitão Poço, rumou para o Rio Guamá e, surpreendendo a todos, executou o que os índios haviam começado. Terminou de serrar os esteios e vigas mestras da ponte, e ateou fogo nas cabeceiras e parte central.

Sobre a prisão ilegal dos índios, Paulo César Abreu declarou: "os índios não foram presos. Ficaram de uma hora às quatro da tarde prestando declarações. A sua detenção foi mais uma medida de segurança, para impedir represálias dos brancos contra os índios".

No entanto, a gravação apresentada aos jornalistas na sede de seu Sindicato, não dizia exatamente isso. Nela, os índios disseram que "nem refrigerante deixaram a gente comprar e ficamos num pátio tomando todo aquele

sol". As declarações prestadas não demoraram tanto e somente foram soltas depois que receberam um aviso do comando PM daquela região.

Na mercearia Peixe Boi, em Pau do Remo, seu proprietário Armando Dela-Rovere, assim como diversos outros posseiros, não acreditam que os Tembés "teriam coragem de fazer como os outros índios e sair por aí matando todo mundo" e não se espantou também em saber que os próprios índios estão com os posseiros na luta por um pedaço de terra e se prontificaram até em ajudar se os colonos assim o desejarem.

Tanto na reserva Tembés, quanto na comunidade de Pau do Remo, há ainda uma esperança: "quando é que o Incra vai começar a mudar nossa gente? Eu - disse Dela-Rovere - já fui entrevistado por muita gente, assinei papel, ficamos todos sabendo de um plano de mudança e nada aconteceu. O plano tinha até um nome".

OPERAÇÃO GUAMÁ - Este é o nome do plano, preparado pela Funai, Incra, Polícia Federal. Esta Operação Guamá iniciou atividades e logo nas primeiras sondagens, descobriu que 19 quilômetros de extensão por quatro de largura, da Fazenda Irmãos Coragem,

de Mejer Kpacznike, estavam em terras indígenas, demarcadas e doadas ao povo Tembés pelo interventor Magalhães Barata, em 1943. Com a entrada na Justiça de um pedido de reintegração de posse, Mejer sustou a Operação Guamá. O processo durou até o ano seguinte, quando a Funai, denunciando a fazenda por não ter cláusulas de um acordo anterior (que ninguém teve conhecimento dele) revogou o pedido de Mejer. E daquele dia, até a quinta-feira passada, quando Paulo queimou a ponte, construída no governo Aloysio Chaves pela Copagro, ninguém mais falou na Operação Guamá.

VAI ACABAR - Segundo os comentários de "porta de venda" onde todos os colonos vão trocar as suas idéias, há um desânimo geral e Dela-Rovere, dono da venda e porta voz do

CEDI

povo de Pau do Remo, "este final de ano vai ser difícil pros pequenos. O Mejer vai dar o seu jeito, os pequenos não sabem de que maneira vão tirar a safra das roças lá dentro da reserva. O moço da Funai deveria esperar a gente tirar os mantimentos primeiro, depois até a gente mesmo ajudava queimar a ponte".

E continuando o seu comentário, declarou que "já que todos estão sabendo que na reserva não dá pra formar nenhuma roça, onde é que Inkra ou a Funai vai colocar a gente?". Todos se lembram das primeiras medida do Inkra. "Veio gente e mediu as terras, perguntou quantos filhos, o que havia plantado, tirado e colhido. Disseram que a gente ia sair e ser colocado noutra lugar, de acordo com o governo. Mas o tempo passou e agora estão dizendo que o ônibus vai até diminuir as suas viagens para cá. Quer dizer, ficou mais difícil".

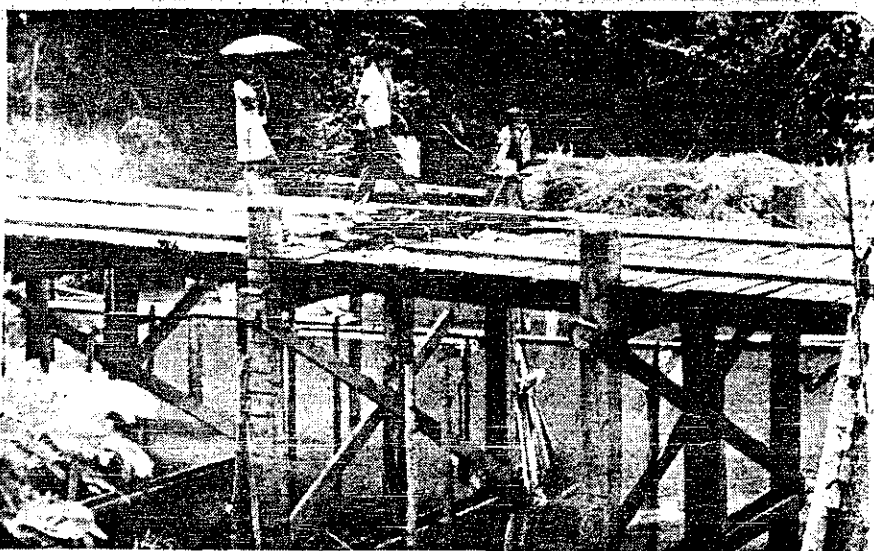
Os colonos disseram na mercearia Peixe-Boi, que não foram os índios que queimaram o posto policial e nem a casa de um colono ali pertinho do rio. "Tem gente malvada metido nisso, pois queriam culpar os índios". Suspeitam que estes incêndios teriam sido provocados pelos "homens do Mejer. Que é o mais prejudicado. Lá tem caminhão e vai ficar preso na reserva dos índios".

Há quem, se lembre em Pau do Remo, do acordo que o Mejer conseguiu assinar em Brasília, onde entre outras coisas prometia a construção de postos de vigilância na entrada e saída da reserva, já que a estrada cortaria a terra dos índios em direção àquela faixa de 19 quilômetros de terra, também as porteiras, a placa indicando "Território Indígena" e construiria também uma vicinal, ligando esta estrada ao Posto (onde fica a aldeia) para que os índios vigiassem a penetração de posseiros. Mejer também havia prometido que, forneceria sementes e compraria a produção indígena. No entanto, sua atenção estava ligada às pastagens que estava formando e no rastro desta estrada de Mejer, vieram os pequenos que salpicaram a reserva de pequenas posses e roças de mandioca, malva, arroz, feijão que deu alento às povoações de Agua Preta, Livramento, Pau do Remo para onde se deslocaram todos os "sem terras" que antes prestavam serviços nas fazendas da região. Muitos destes posseiros, saíram de fazendas onde o fusário contaminou os pimentais que prescindiu de mão de obra. Pois ficaram empregados somente aqueles que sabiam cuidar do boi.

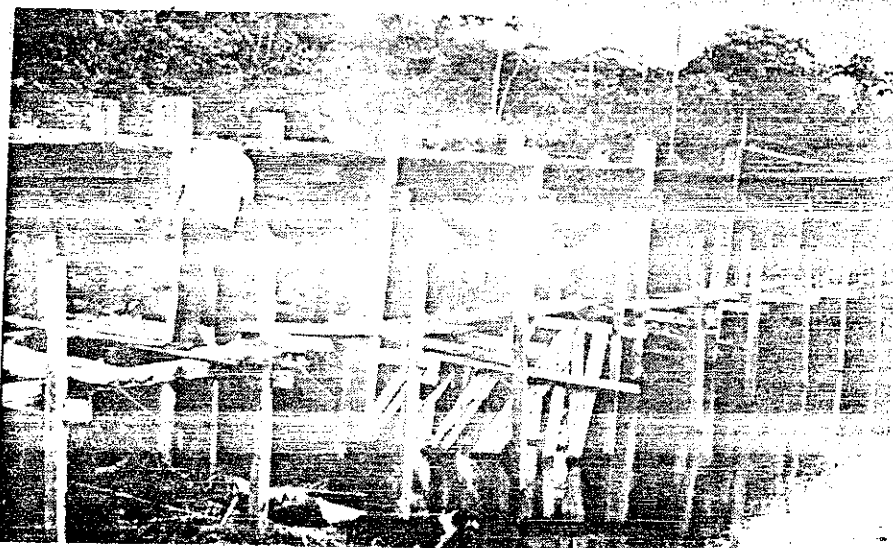
Os posseiros em Pau do Remo concordam com as declarações de Paulo César, que disse o seguinte: "a interdição da estrada, não prejudicará aqueles que não possuem carro". Só que os lavradores não sabem de que maneira vão atravessar com o que produziram por uma ponte destruída. Um dos posseiros declarou que vão utilizar uma pequena pontezinha, logo abaixo daquela que foi queimada, para atravessar, "no mínimo com os burros de carga". Esta pequena ponte, logo abaixo da ponte destruída, ainda possui intactos seus esteiros de acapu. Os lavradores não vão reconstruir a ponte queimada, mas reformarão uma pequena, e o vaivém continuará até que a Operação Guamá saia das gavetas do Inkra/Funai/Polícia Federal, ou quem estiver atravancando o processo de mudança.



Jornalistas esperando o delegado defronte à sua casa



Pedestre passa, mas carro não tem condições



Uma ponte de madeira, pequena e provisória